

Índice

Introdução .....	2
Representação.....	2
Propriedades.....	2
Decomposição de vetores.....	5
Vetores unitários .....	7
Representação analítica.....	7
Produto escalar.....	8
Produto vetorial.....	10
Produto triplo .....	11
Vetor Posição de um ponto.....	12
Varição infinitesimal de $r$ .....	13
Derivada de funções com mais de uma variável.....	14
Gradiente .....	14
Significado do gradiente .....	15
Linhas e superfícies de nível.....	15
Fluxo de campo vetorial através de uma superfície.....	16
Divergência .....	18
Rotacional .....	21
Algumas relações importantíssimas .....	23
Teorema da divergência .....	24
Teorema de Stokes .....	24

## Vetores

**Introdução** - Existem grandezas tais como massa, comprimento e tempo, que podem ser caracterizadas por um número e uma unidade. São as grandezas escalares. Outras, como velocidade e força, dependem de uma direção e um sentido, além de um número e uma unidade. São as grandezas vetoriais. A matemática desenvolveu uma álgebra vetorial que nos permite trabalhar com essas grandezas.

**Representação** - A representação geométrica do vetor é feita por uma flecha como mostra a figura 1. O módulo ou intensidade é dado pelo comprimento da flecha. O sentido e a direção são dados pela ponta da flecha e pelas retas paralelas à flecha respectivamente.

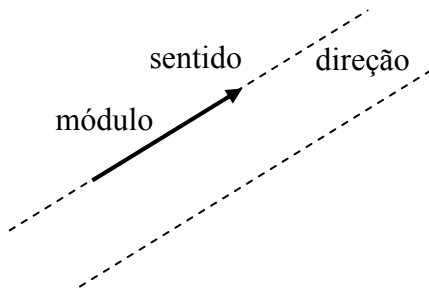


Figura 1: Representação geométrica de um vetor

Para se escrever "vetor a", usa-se a nomenclatura  $\vec{a}$  ou **a** (em negrito). Para módulo de **a**, usa-se  $|\vec{a}|$ ,  $|\mathbf{a}|$  ou simplesmente a.

**Propriedades** - Além de direção e sentido, uma grandeza para ser vetorial tem que ter algumas propriedades. São elas:

1) se **a** e **b** têm o mesmo módulo, a mesma direção e o mesmo sentido (figura 2), então **a = b** ;

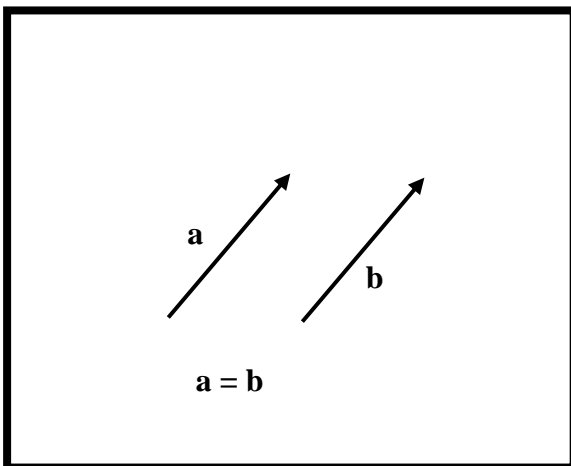


Figura 2: Dois vetores de mesmo módulo, direção e sentido, portanto iguais.

2) Se **a** é um vetor e  $k$  é um escalar, então  $k\mathbf{a}$  é um vetor que tem a mesma direção de **a** (figura 3).

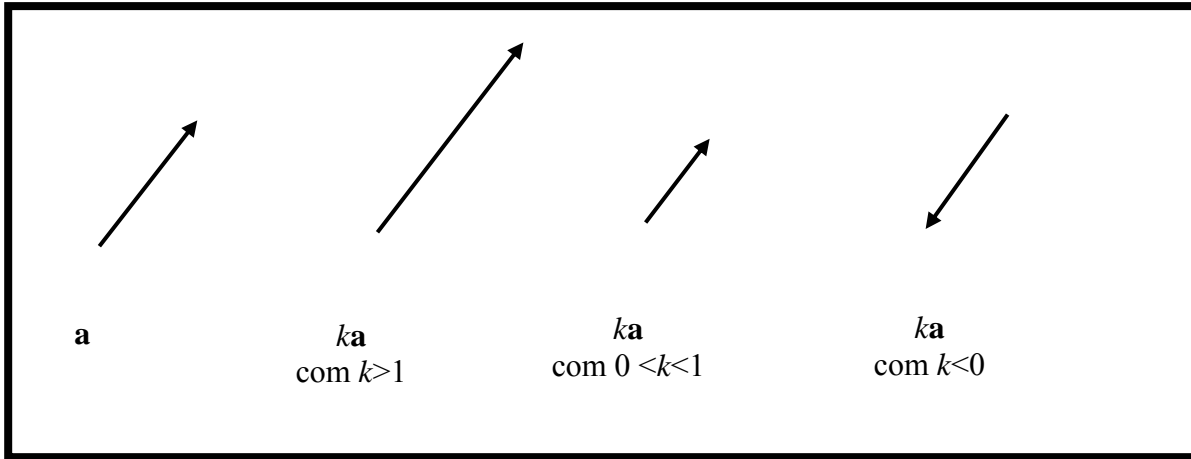


Figura 3: O vetor  $ka$  tem a mesma direção de  $a$  mas não o mesmo módulo nem necessariamente o mesmo sentido

3) A soma vetorial é comutativa, isto é:  $\mathbf{a} + \mathbf{b} = \mathbf{b} + \mathbf{a}$

4) A soma vetorial é associativa:  $\mathbf{a} + \mathbf{b} + \mathbf{c} = (\mathbf{a} + \mathbf{b}) + \mathbf{c} = \mathbf{a} + (\mathbf{b} + \mathbf{c})$

A representação geométrica da soma de dois ou mais vetores se faz desenhando o primeiro vetor e, em seguida, cada vetor com sua origem na extremidade do anterior. O vetor resultante é o que tem sua origem coincidente com a do primeiro vetor e sua extremidade junto à extremidade do último, conforme mostra a figura 4.

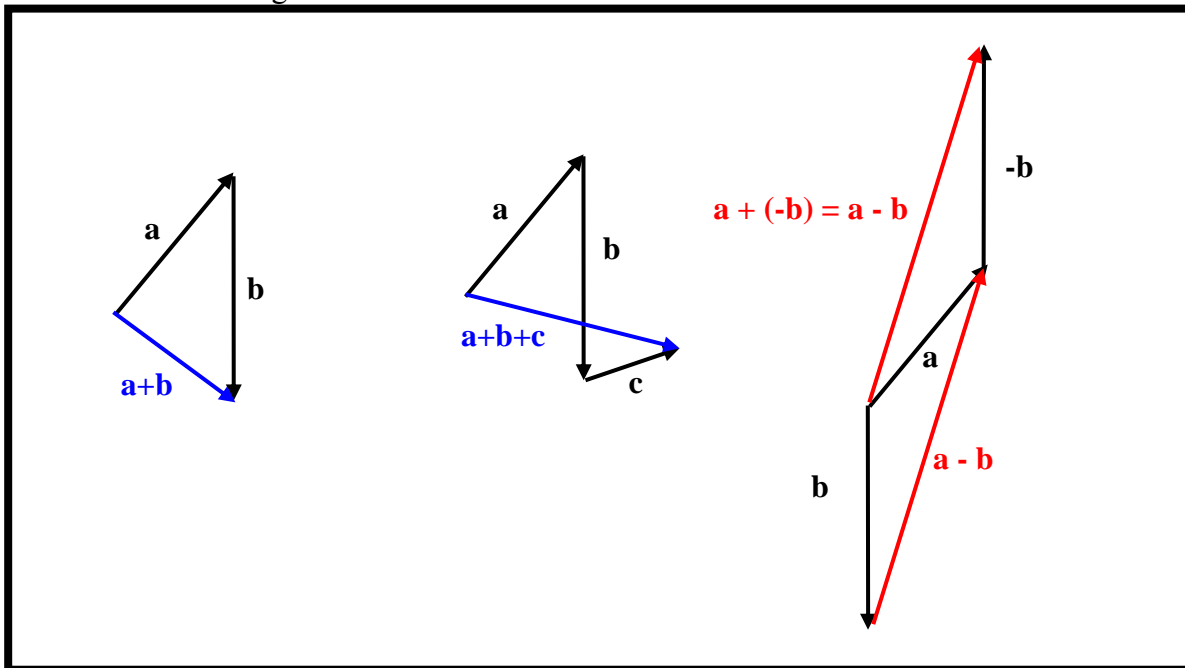


Figura 4: Soma de dois ( $\mathbf{a}$  e  $\mathbf{b}$ ) e três vetores ( $\mathbf{a}, \mathbf{b}$  e  $\mathbf{c}$ ). Para a diferença entre  $\mathbf{a}$  e  $\mathbf{b}$  pode-se fazer  $\mathbf{a} + (-\mathbf{b})$  ou, mais diretamente, colocar as origens de  $\mathbf{a}$  e  $\mathbf{b}$  num mesmo por e traçar  $\mathbf{a} - \mathbf{b}$  ligando as extremidades de  $\mathbf{a}$  e  $\mathbf{b}$  com a orientação de  $\mathbf{a}$  para a de  $\mathbf{b}$ .

As propriedades comutativa e associativa da soma vetorial podem ser mostradas geometricamente como nas figuras 5a e 5b.

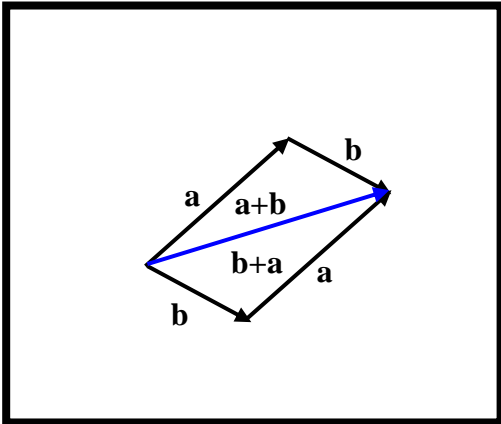


Figura 5-a: Propriedade comutativa:  $\mathbf{a+b = b+a}$

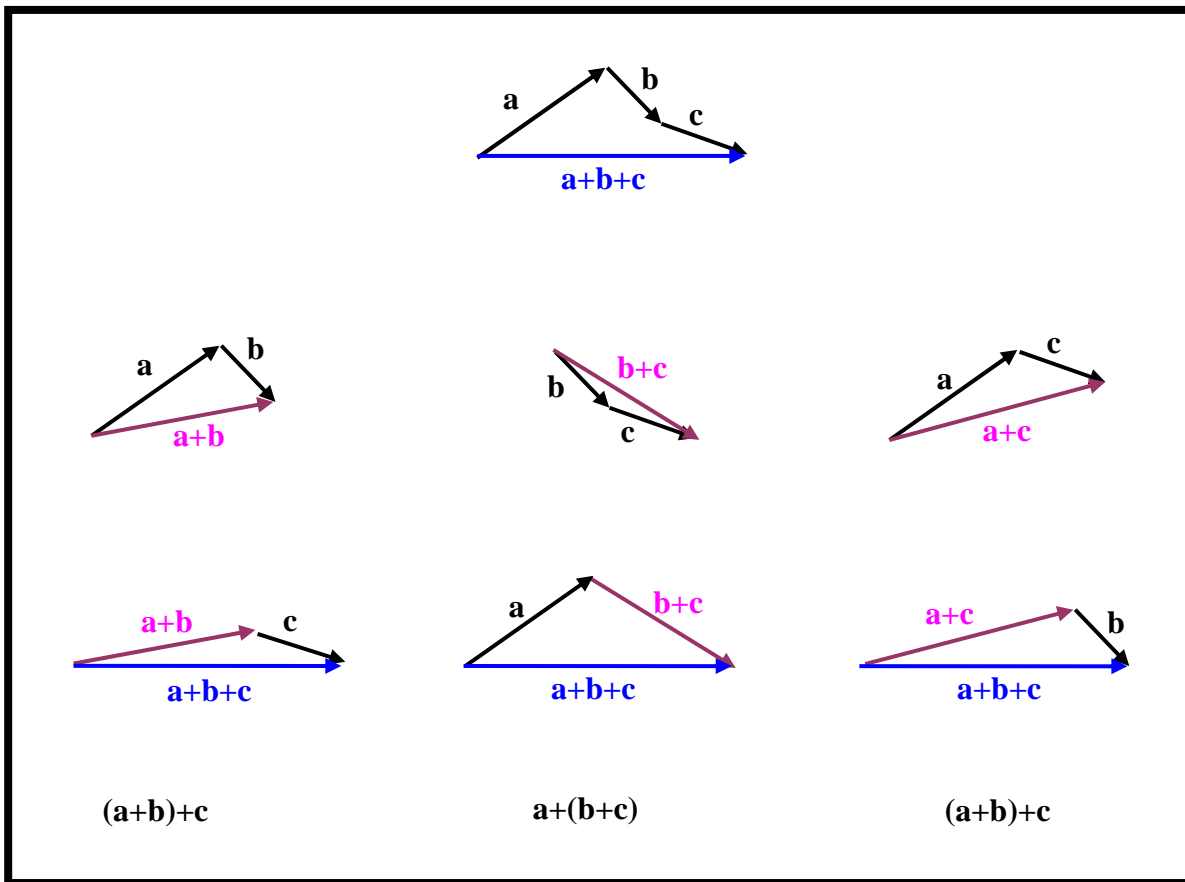
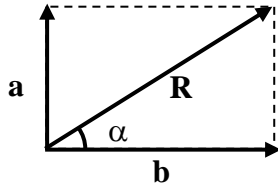


Figura 5-b: Propriedade associativa:  $\mathbf{(a+b)+c = a+(b+c) = (a+c)+b}$

**Exemplo 1:** Determine a soma de dois vetores **a** e **b** perpendiculares.



*Resolução*

Completando o paralelogramo - no caso, retângulo – que tem os vetores **a** e **b** como dois de seus lados, vemos que a diagonal desse paralelogramo segue a regra de soma de vetores.

Portanto, o módulo da resultante\* é:

$$R^2 = a^2 + b^2$$

A direção e o sentido são dados pelo ângulo  $\alpha$  que a resultante forma com o vetor **b** (ou **a**). Logo:

$$\operatorname{tg}\alpha = a/b$$

ou seja,  $\alpha = \operatorname{arctg}(b/a)$

\* Normalmente usa-se o termo *resultante* para qualquer operação vetorial.

**Decomposição de vetores** - A projeção de um vetor **a** sobre um eixo qualquer é o vetor cuja origem e extremidade são as projeções da origem e da extremidade de **a**, conforme mostra a figura 6.

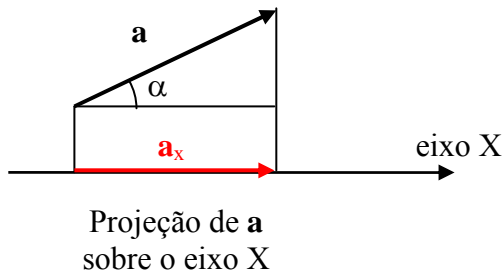


Figura 6: Projeção de **a** sobre o eixo X

Da geometria, o módulo da projeção é dado por :  $a_x = a \cos\alpha$

Quando projetamos um vetor em dois eixos coordenados, como na figura 7-a, a soma das projeções é o próprio vetor. Como o ângulo (direção e sentido) do vetor com os eixos também pode ser determinado pelas suas projeções, podemos caracterizar completamente um vetor pelas suas projeções. Isto vale também para o espaço tri-dimensional com a projeção do vetor nos eixos x, y e z (figura 7-b). Projetar um vetor nos eixos coordenados é decompor o vetor, e as projeções nos eixo x, y e z recebem os nomes de componentes x, y e z respectivamente.

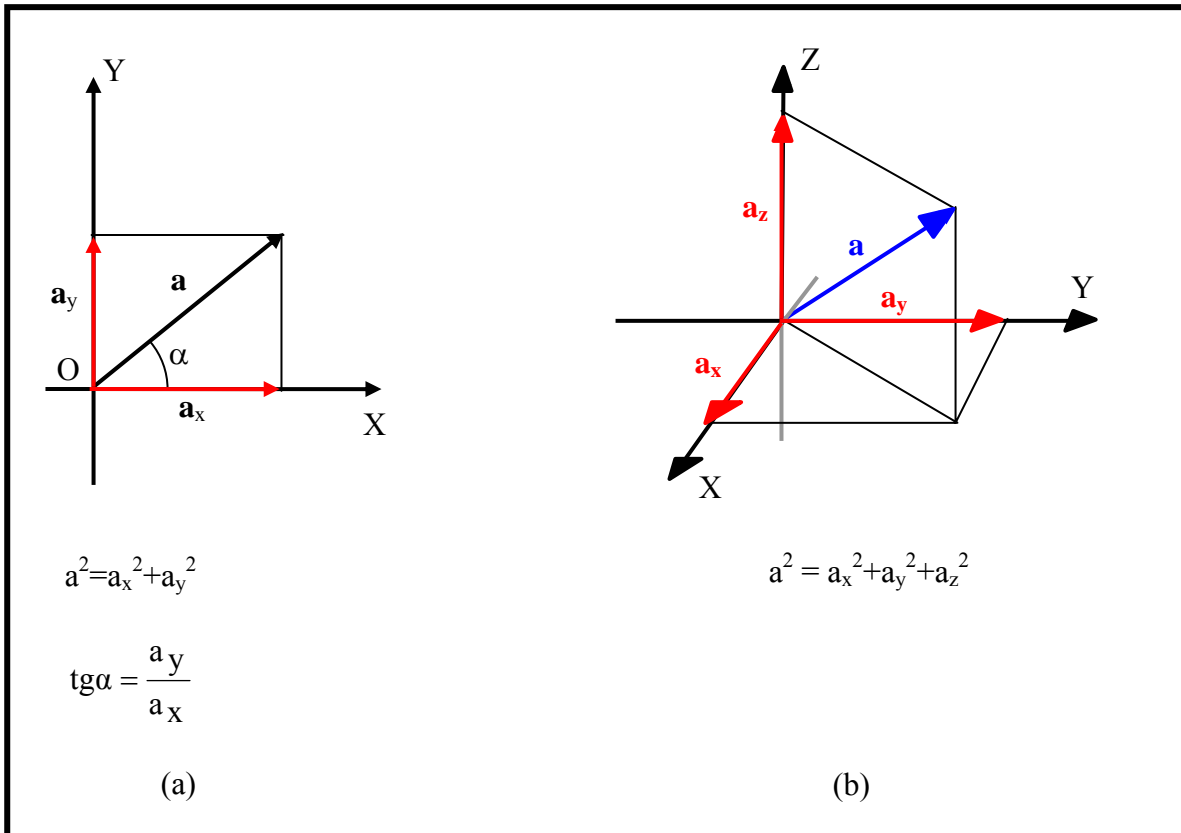
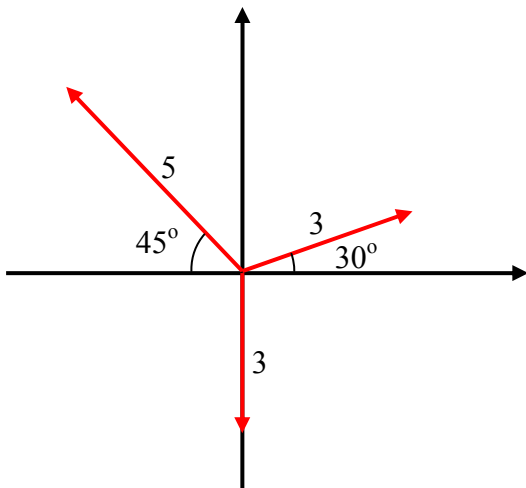


Figura 7: As componentes do vetor  $\mathbf{a}$  em (a) duas e (b) três dimensões. A direção e sentido de  $\mathbf{a}$  em três dimensões são determinadas pelos ângulos de  $\mathbf{a}$  com os eixos  $OX$ ,  $OY$  e  $OZ$  que podem ser determinados pelas relações trigonométricas entre o vetor e suas projeções.

Como o vetor pode ser representado por suas componentes, a soma de dois ou mais vetores também pode ser feita somando-se as componentes de cada vetor. As componentes resultantes em  $x$  e  $y$  serão as componentes do vetor resultante.

**Exemplo 2:** Determine a soma dos vetores abaixo.



*Resolução:*

Soma das projeções dos vetores no eixo  $OX$ :

$$R_x = 3 \cdot \cos 30^\circ - 5 \cdot \cos 45^\circ = 2,6 - 3,5 = -0,9$$

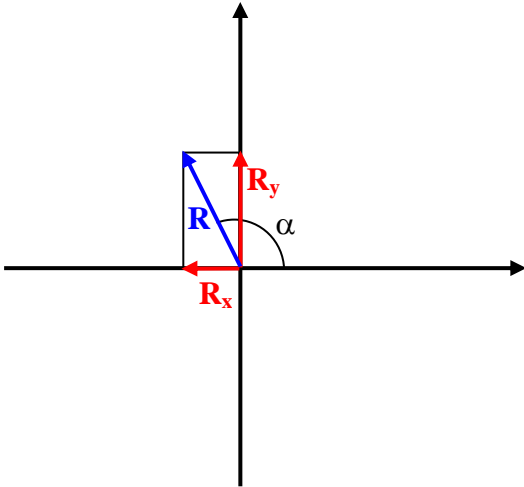
Soma das projeções dos vetores no eixo  $OY$

$$R_y = 3 \cdot \sin 30^\circ + 5 \cdot \sin 45^\circ - 3 = 2$$

$$R^2 = 0,81 + 4 = 4,81$$

$$\text{ou seja: } R = 2,2$$

Representando nos eixos cartesianos, temos:



A direção e o sentido de  $\mathbf{R}$  são dados por  $\alpha$  que pode ser calculado como se segue:

$$\operatorname{tg}(\alpha - 90^\circ) = |R_x / R_y| = 0,45 \Rightarrow \alpha = 114,2^\circ$$

**Vetores unitários** - Vetores unitários são vetores de módulo 1 (um). Um vetor unitário multiplicado por um número resulta num vetor de mesma direção e sentido do vetor unitário e módulo igual ao número. Se o número vier acompanhado de uma unidade, esta será também a unidade do módulo do vetor. Assim, se  $\mathbf{u}$  é um vetor unitário, o vetor  $a\mathbf{u}$  é um vetor que tem a direção e o sentido de  $\mathbf{u}$  e módulo igual a  $a$ , conforme a segunda propriedade dos vetores apresentada neste capítulo.

**Representação analítica** - A representação geométrica dos vetores é interessante na demonstração de algumas propriedades, mas é inviável quando se pensa em trabalhar com vetores, principalmente em três dimensões. Por isso é usual a utilização de uma representação analítica com a ajuda de vetores unitários. A figura 8 mostra unitários nas direções X, Y e Z de um sistema cartesiano de eixos em três dimensões. Na maior parte da literatura sobre o assunto, esses unitários são designados por  $\hat{x}$ ,  $\hat{y}$  e  $\hat{z}$  respectivamente.

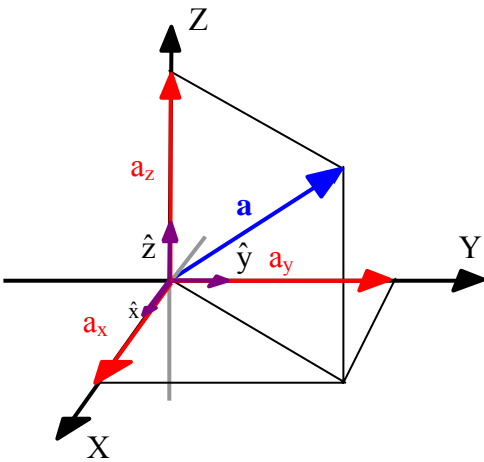


Figura 8: Os unitários  $\hat{x}$ ,  $\hat{y}$  e  $\hat{z}$  e a maneira de escrever um vetor analiticamente.

Com o uso dos unitários podemos escrever:

$$\mathbf{a}_x = a_x \hat{x} \quad \mathbf{a}_y = a_y \hat{y} \quad \mathbf{a}_z = a_z \hat{z}$$

Portanto:

$$\mathbf{a} = a_x \hat{x} + a_y \hat{y} + a_z \hat{z}$$

O módulo de  $\mathbf{a}$  pode ser calculado por:

$$a = \sqrt{a_x^2 + a_y^2 + a_z^2}$$

**Exemplo 3:** Um vetor  $\mathbf{a}$  faz um ângulo de  $30^\circ$  com eixo dos x e tem módulo 4,0 cm. Escreva a expressão analítica deste vetor.

*Resolução*

$$\text{Temos: } a_x = 4,0 \cdot \cos 30^\circ = 3,5 \text{ cm} \quad \text{e} \quad a_y = 4,0 \cdot \sin 30^\circ = 2,0 \text{ cm}$$

Analicamente o vetor se escreve:

$$\mathbf{a} = 3,5 \hat{x} + 2,0 \hat{y} \text{ cm}$$

**Exemplo 4:** Um vetor  $\mathbf{b}$  é dado por:  $\mathbf{b} = -2,0 \hat{x} + 1,0 \hat{y}$  (em cm). Calcule  $\mathbf{a} + \mathbf{b}$  e  $\mathbf{a} - \mathbf{b}$ , onde  $\mathbf{a}$  é o vetor da aplicação anterior.

*Resolução*

Como  $a_x$  e  $b_x$  são as projeções dos vetores  $\mathbf{a}$  e  $\mathbf{b}$  no eixo OX, a soma  $a_x + b_x$  será a componente x do vetor  $\mathbf{a} + \mathbf{b}$ . Analogamente para  $a_y + b_y$  será a componente y de  $\mathbf{a} + \mathbf{b}$ . Assim:

$$\mathbf{a} + \mathbf{b} = (3,5 - 2,0) \hat{x} + (2,0 + 1,0) \hat{y} = 1,5 \hat{x} + 3,0 \hat{y} \text{ cm}$$

Se quisermos calcular o módulo de  $\mathbf{a} + \mathbf{b}$ , temos:

$$|\mathbf{a} + \mathbf{b}|^2 = (1,5)^2 + (3,0)^2 = 11,25$$

Portanto,

$$|\mathbf{a} + \mathbf{b}| = 3,3 \text{ cm}$$

Por analogia,

$$\mathbf{a} - \mathbf{b} = (3,5 - (-2,0)) \hat{x} + (2,0 - 1,0) \hat{y} = 5,5 \hat{x} + 1,0 \hat{y} \text{ cm}$$

O aluno poderá mostrar que o módulo deste vetor vale: 5,6 cm

### Produto escalar

Define-se o produto escalar do vetor  $\mathbf{a}$  pelo vetor  $\mathbf{b}$  (lê-se  $\mathbf{a}$  escalar  $\mathbf{b}$ ) como:

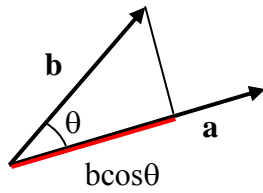
$$\mathbf{a} \cdot \mathbf{b} = ab \cos \theta$$

onde a e b são os módulos de  $\mathbf{a}$  e  $\mathbf{b}$  respectivamente e  $\theta$  é o ângulo entre eles.



**Exemplo 5:** Mostre que  $\mathbf{a} \cdot \mathbf{b}$  é igual a projeção de  $\mathbf{b}$  sobre  $\mathbf{a}$  multiplicada por  $a$ .

*Resolução :*



O produto escalar entre  $\mathbf{a}$  e  $\mathbf{b}$  é:  $\mathbf{a} \cdot \mathbf{b} = ab \cos \theta$

Da figura, vê-se que  $bcos\theta$  é a projeção de  $\mathbf{b}$  sobre  $\mathbf{a}$  o que demonstra o solicitado.

Da definição do produto escalar, podemos deduzir algumas importantes propriedades:

- 1) O produto escalar é uma grandeza escalar.
- 2) Se  $\mathbf{a}$  e  $\mathbf{b}$  são perpendiculares entre si, isto é, se  $\theta = 90^\circ$  então  $\mathbf{a} \cdot \mathbf{b} = 0$   
Dessa propriedade tiramos que:  $\hat{x} \cdot \hat{y} = \hat{x} \cdot \hat{z} = \hat{y} \cdot \hat{z} = 0$
- 3) Se  $\mathbf{a}$  e  $\mathbf{b}$  são paralelos ou antiparalelos, então  $\mathbf{a} \cdot \mathbf{b} = ab$  ou  $\mathbf{a} \cdot \mathbf{b} = -ab$  respectivamente.  
Dessa propriedade tiramos que:  $\hat{x} \cdot \hat{x} = \hat{y} \cdot \hat{y} = \hat{z} \cdot \hat{z} = 1$  e que  $\mathbf{a} \cdot \mathbf{a} = a^2$
- 4) Se  $\mathbf{u}$  é um vetor unitário,  $\mathbf{a} \cdot \mathbf{u}$  é a projeção de  $\mathbf{a}$  na direção de  $\mathbf{u}$ .  
Dessa propriedade tiramos que:  $\mathbf{a} \cdot \hat{x} = a_x$ ,  $\mathbf{a} \cdot \hat{y} = a_y$  e  $\mathbf{a} \cdot \hat{z} = a_z$
- 5) O produto escalar é comutativo, isto é,  $\mathbf{a} \cdot \mathbf{b} = \mathbf{b} \cdot \mathbf{a}$
- 6) O produto escalar é distributivo, isto é  $\mathbf{a} \cdot (\mathbf{b} + \mathbf{c}) = \mathbf{a} \cdot \mathbf{b} + \mathbf{a} \cdot \mathbf{c}$
- 7)  $m(\mathbf{a} \cdot \mathbf{b}) = (m\mathbf{a}) \cdot \mathbf{b} = \mathbf{a} \cdot (m\mathbf{b})$ , onde  $m$  é um escalar

**Exemplo 6:** Mostre que o produto escalar de  $\mathbf{a} = a_x \hat{x} + a_y \hat{y} + a_z \hat{z}$  por  $\mathbf{b} = b_x \hat{x} + b_y \hat{y} + b_z \hat{z}$  é igual a:

$$\mathbf{a} \cdot \mathbf{b} = a_x b_x + a_y b_y + a_z b_z$$

*Resolução:*

Este resultado é importantíssimo e demonstrável a partir das propriedades do produto escalar.

Usando as propriedades (6) e (7), temos:

$$\begin{aligned} \mathbf{a} \cdot \mathbf{b} &= (a_x \hat{x} + a_y \hat{y} + a_z \hat{z}) \cdot (b_x \hat{x} + b_y \hat{y} + b_z \hat{z}) = \\ &= a_x b_x \hat{x} \cdot \hat{x} + a_x b_y \hat{x} \cdot \hat{y} + a_x b_z \hat{x} \cdot \hat{z} + a_y b_x \hat{y} \cdot \hat{x} + a_y b_y \hat{y} \cdot \hat{y} + a_y b_z \hat{y} \cdot \hat{z} + a_z b_x \hat{z} \cdot \hat{x} + a_z b_y \hat{z} \cdot \hat{y} + a_z b_z \hat{z} \cdot \hat{z} \end{aligned}$$

Usando as propriedades (2) e (3), temos:

$$\mathbf{a} \cdot \mathbf{b} = a_x b_x + a_y b_y + a_z b_z$$

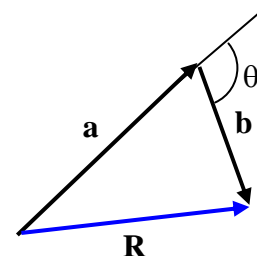
**Exemplo 7:** Se  $\mathbf{R}$  é a soma de  $\mathbf{a}$  e  $\mathbf{b}$ , mostre que:  $R^2 = a^2 + b^2 + 2ab \cos \theta$

*Resolução :*

$$\mathbf{R} = \mathbf{a} + \mathbf{b}$$

Multiplicando por  $\mathbf{a} + \mathbf{b}$  à direita e  $\mathbf{R}$  à esquerda, temos:

$$R^2 = (\mathbf{a} + \mathbf{b})(\mathbf{a} + \mathbf{b}) = \mathbf{a} \cdot \mathbf{a} + \mathbf{a} \cdot \mathbf{b} + \mathbf{b} \cdot \mathbf{a} + \mathbf{b} \cdot \mathbf{b}$$



Usando as propriedades (3) e (5) do produto escalar, temos:

$$R^2 = a^2 + b^2 + 2\mathbf{a} \cdot \mathbf{b}$$

Mas  $\mathbf{a} \cdot \mathbf{b} = ab \cos \theta$ , logo:

$$R^2 = a^2 + b^2 + 2ab \cos \theta$$

Observe na figura quem é o ângulo  $\theta$ . No caso, ele é maior do que  $90^\circ$  e portanto,  $\cos \theta$  é negativo.

### Produto vetorial

O produto vetorial entre o vetor  $\mathbf{a}$  e  $\mathbf{b}$ , representado por  $\mathbf{a} \times \mathbf{b}$ , é um vetor cujo módulo é dado por:

$$|\mathbf{a} \times \mathbf{b}| = ab \sin \theta$$

A direção de  $\mathbf{a} \times \mathbf{b}$  é perpendicular ao plano e seu sentido é dado pela regra dos três dedos da mão direita, sendo: o indicador apontando na direção e sentido de  $\mathbf{a}$ , o dedo médio apontando no sentido de  $\mathbf{b}$  e o polegar apontando no sentido de  $\mathbf{a} \times \mathbf{b}$ , conforme mostra a figura 9.

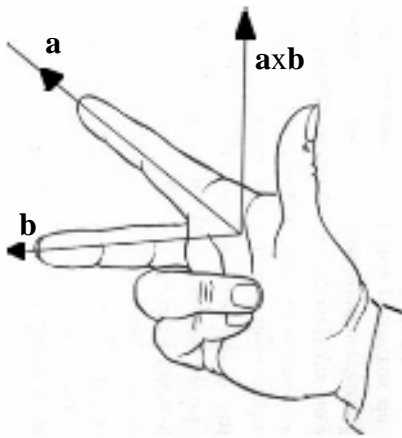


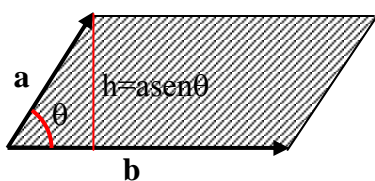
Figura.9: Regra da mão direita para produto vetorial

Da definição do produto vetorial, podemos deduzir algumas importantes propriedades:

- 1)  $\mathbf{a} \times \mathbf{b} \neq \mathbf{b} \times \mathbf{a}$
- 2) Se  $\mathbf{a}$  e  $\mathbf{b}$  têm a mesma direção, isto é, se  $\theta = 0$  ou  $180^\circ$ , então  $\mathbf{a} \times \mathbf{b} = \mathbf{0}$
- 3)  $\mathbf{a} \times (\mathbf{b} + \mathbf{c}) = \mathbf{a} \times \mathbf{b} + \mathbf{a} \times \mathbf{c}$
- 4)  $m(\mathbf{a} \times \mathbf{b}) = (m\mathbf{a}) \times \mathbf{b} = \mathbf{a} \times (m\mathbf{b})$
- 5)  $\hat{x} \times \hat{y} = \hat{z}$ ;  $\hat{y} \times \hat{z} = \hat{x}$ ;  $\hat{z} \times \hat{x} = \hat{y}$ ;  $\hat{x} \times \hat{x} = \hat{y} \times \hat{y} = \hat{z} \times \hat{z} = \mathbf{0}$

**Exemplo 8:** Mostre que  $|\mathbf{a} \times \mathbf{b}|$  é a área do paralelogramo de lados  $\mathbf{a}$  e  $\mathbf{b}$ .

Resolução:



A área do paralelogramo da figura ao lado é  $bh$ , onde  $h$  é sua altura. Da figura, vemos que  $h = a \sin \theta$ . Por outro lado,  $|\mathbf{a} \times \mathbf{b}| = ab \sin \theta = b(a \sin \theta) = bh$ .

Podemos ainda escrever o produto vetorial numa forma muito prática, conforme se segue:

$$\begin{aligned} \mathbf{axb} &= (a_x \hat{x} + a_y \hat{y} + a_z \hat{z}) \times (b_x \hat{x} + b_y \hat{y} + b_z \hat{z}) = \\ &= a_x b_x \hat{x} \times \hat{x} + a_x b_y \hat{x} \times \hat{y} + a_x b_z \hat{x} \times \hat{z} + a_y b_x \hat{y} \times \hat{x} + a_y b_y \hat{y} \times \hat{y} + a_y b_z \hat{y} \times \hat{z} + a_z b_x \hat{z} \times \hat{x} + a_z b_y \hat{z} \times \hat{y} + a_z b_z \hat{z} \times \hat{z} = \\ &= a_x b_y \hat{z} + a_x b_z (-\hat{y}) + a_y b_x (-\hat{z}) + a_y b_z \hat{x} + a_z b_x \hat{y} + a_z b_y (-\hat{x}) = \\ &= (a_y b_z - a_z b_y) \hat{x} - (a_x b_z - a_z b_x) \hat{y} + (a_x b_y - a_y b_x) \hat{z} \end{aligned}$$

A expressão acima é o desenvolvimento do “determinante” a partir dos elementos da primeira linha, ou seja:

$$\mathbf{axb} = \begin{vmatrix} \hat{x} & \hat{y} & \hat{z} \\ a_x & a_y & a_z \\ b_x & b_y & b_z \end{vmatrix}$$

onde o “determinante” opera como um verdadeiro determinante.

### Produto triplo

Existem dois tipos de produto triplo:

a) Produto triplo escalar, também chamado produto misto, cuja definição é:

$$M = \mathbf{a} \cdot (\mathbf{bxc})$$

**Exemplo 9:** Mostre que o produto misto pode ser calculado através do determinante:

$$\mathbf{a} \cdot (\mathbf{bxc}) = \begin{vmatrix} a_x & a_y & a_z \\ b_x & b_y & b_z \\ c_x & c_y & c_z \end{vmatrix}$$

Do exemplo 8, temos que:  $\mathbf{bxc} = (b_y c_z - b_z c_y) \hat{x} - (b_x c_z - b_z c_x) \hat{y} + (b_x c_y - b_y c_x) \hat{z}$

$$\text{Do exemplo 9 vem que: } \mathbf{a} \cdot (\mathbf{bxc}) = a_x (b_y c_z - b_z c_y) - a_y (b_x c_z - b_z c_x) + a_z (b_x c_y - b_y c_x) = \begin{vmatrix} a_x & a_y & a_z \\ b_x & b_y & b_z \\ c_x & c_y & c_z \end{vmatrix}$$

Lembrando que permutações pares de linhas (ou colunas) de um determinante não altera o seu resultado, mostra-se facilmente que :  $\mathbf{a} \cdot (\mathbf{bxc}) = \mathbf{b} \cdot (\mathbf{cxa}) = \mathbf{c} \cdot (\mathbf{axb})$

b) Produto triplo vetorial, cuja definição é:

$$\mathbf{V} = \mathbf{ax}(\mathbf{bxc})$$

**Exemplo 10:** Mostre que  $\mathbf{ax}(\mathbf{bxc}) = \mathbf{b}(\mathbf{a} \cdot \mathbf{c}) - \mathbf{c}(\mathbf{a} \cdot \mathbf{b})$

Vimos no exemplo anterior que:  $\mathbf{bxc} = (b_y c_z - b_z c_y) \hat{x} - (b_x c_z - b_z c_x) \hat{y} + (b_x c_y - b_y c_x) \hat{z}$

Portanto, temos:  $\mathbf{ax}(\mathbf{bxc}) = \begin{vmatrix} \hat{x} & \hat{y} & \hat{z} \\ a_x & a_y & a_z \\ (b_y c_z - b_z c_y) & (b_z c_x - b_x c_z) & (b_x c_y - b_y c_x) \end{vmatrix}$

Como os termos desse determinante são permutações circulares de índices, vamos calcular apenas o termo na direção  $\hat{x}$

$$[\mathbf{ax}(\mathbf{bxc})]_x = \hat{x} [a_y(b_x c_y - b_y c_x) + a_z(b_x c_z - b_z c_x)] = \hat{x} [b_x a_y c_y + b_x a_z c_z - c_x a_y b_y - c_x a_z b_z]$$

Somando e subtraindo  $a_x b_x c_x$  a expressão fica:

$$\begin{aligned} [\mathbf{ax}(\mathbf{bxc})]_x &= \hat{x} [b_x a_x c_x + b_x a_y c_y + b_x a_z c_z - c_x a_x b_x - c_x a_y b_y - c_x a_z b_z] = \\ &= \hat{x} [b_x(a_x c_x + a_y c_y + a_z c_z) - c_x(a_x b_x + a_y b_y + a_z b_z)] = b_x \hat{x} (\mathbf{a} \cdot \mathbf{c}) - c_x \hat{x} (\mathbf{a} \cdot \mathbf{b}) \end{aligned}$$

Calculando as componentes  $\hat{y}$  e  $\hat{z}$  teríamos:  $[\mathbf{ax}(\mathbf{bxc})]_y = b_y \hat{y} (\mathbf{a} \cdot \mathbf{c}) - c_y \hat{y} (\mathbf{a} \cdot \mathbf{b})$   
 $[\mathbf{ax}(\mathbf{bxc})]_z = b_z \hat{z} (\mathbf{a} \cdot \mathbf{c}) - c_z \hat{z} (\mathbf{a} \cdot \mathbf{b})$

Portanto:  $\mathbf{ax}(\mathbf{bxc}) = (b_x \hat{x} + b_y \hat{y} + b_z \hat{z})(\mathbf{a} \cdot \mathbf{c}) - (c_x \hat{x} + c_y \hat{y} + c_z \hat{z})(\mathbf{a} \cdot \mathbf{b})$

O que dá:  $\mathbf{ax}(\mathbf{bxc}) = \mathbf{b}(\mathbf{a} \cdot \mathbf{c}) - \mathbf{c}(\mathbf{a} \cdot \mathbf{b})$

**Vetor Posição de um ponto** - É o vetor que vai da origem ao ponto considerado. Se tivermos dois P e P' representados pelos vetores  $\mathbf{r}$  e  $\mathbf{r}'$ , o vetor posição de P em relação a P' é  $\mathbf{R} = \mathbf{r} - \mathbf{r}'$ .



Figura 10 – O vetor posição de  $(x,y,z)$  e o vetor posição de P em relação a P'.

Claro que  $\mathbf{R}$  também representa o deslocamento de um ponto de P' a P.

Analiticamente podemos escrever:

$$\mathbf{r} = x\hat{x} + y\hat{y} + z\hat{z}$$

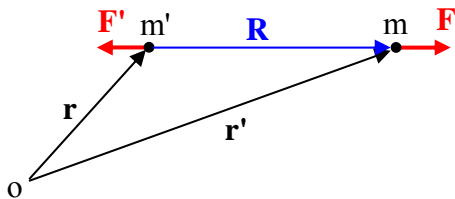
$$\mathbf{r}' = x'\hat{x} + y'\hat{y} + z'\hat{z}$$

$$\mathbf{R} = \mathbf{r} - \mathbf{r}' = (x - x')\hat{x} + (y - y')\hat{y} + (z - z')\hat{z}$$

R também pode ser escrito como :  $\mathbf{R} = R\hat{\mathbf{R}}$ , onde  $R = \sqrt{(x - x')^2 + (y - y')^2 + (z - z')^2}$  e  $\hat{\mathbf{R}}$  é o unitário na direção de  $\mathbf{R}$  e pode ser escrito como:  $\hat{\mathbf{R}} = \frac{\mathbf{R}}{R}$

**Exemplo 11** – A distância entre duas massas pontuais  $m$  e  $m'$  é  $R$ . Determine a força em  $m$ . Pela lei da atração gravitacional, o módulo de força entre as duas massas será;

$F = G \frac{mm'}{R^2}$ ,  $G$  sendo a constante de gravitação universal. A direção da força é a da reta que une as cargas, e o sentido de repulsão.

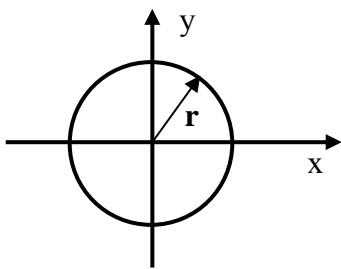


$$\text{Em } m \text{ a força será: } \mathbf{F} = G \frac{mm'}{R^2} \hat{\mathbf{R}} = G \frac{mm'}{R^2} \frac{\mathbf{R}}{R} = G \frac{mm'}{R^3} \mathbf{R}$$

$$\text{Em } m' \text{ a força será, evidentemente: } \mathbf{F}' = -\mathbf{F}$$

**Variação infinitesimal de r** - Se  $\mathbf{r}$  sofre uma variação infinitesimal, então:  $d\mathbf{r} = dx\hat{x} + dy\hat{y} + dz\hat{z}$

**Exemplo 12** - -Mostre que a variação infinitesimal de  $\mathbf{r}$  sobre um círculo é perpendicular a  $\mathbf{r}$ .



$$\mathbf{r} = x\hat{x} + y\hat{y}$$

Se o raio do círculo é  $R$ , então:  $x = R\cos\theta$  e  $y = R\sin\theta$

onde  $\theta$  é o ângulo entre  $\mathbf{r}$  e o semi-eixo positivo dos  $x$ . Assim, temos:

$$dx = -R\sin\theta d\theta \quad \text{e} \quad dy = R\cos\theta d\theta$$

$$\text{Podemos escrever: } \mathbf{r} = R\cos\theta \hat{x} + R\sin\theta \hat{y}$$

$$\text{e} \quad d\mathbf{r} = (-R\sin\theta \hat{x} + R\cos\theta \hat{y})d\theta$$

Obviamente  $\mathbf{r} \cdot d\mathbf{r} = 0$ , qualquer que seja  $\theta$ , demonstrando que  $\mathbf{r}$  e  $d\mathbf{r}$  são perpendiculares.

**Derivada de funções com mais de uma variável** - Seja  $f(x,y,z)$  uma função de  $x,y$  e  $z$  e  $\frac{\partial f}{\partial x}$ ,  $\frac{\partial f}{\partial y}$  e  $\frac{\partial f}{\partial z}$  suas derivadas parciais em relação a  $x$ ,  $y$  e  $z$  respectivamente. Assim sendo,  $df = \frac{\partial f}{\partial x} dx$  é a variação de  $f$  quando  $x$  sofre uma variação infinitesimal  $dx$ . Idem para as outras variáveis:  $df = \frac{\partial f}{\partial y} dy$  e  $df = \frac{\partial f}{\partial z} dz$ . Se  $x$ ,  $y$  e  $z$  sofrem variações infinitesimais, então:

$$df = \frac{\partial f}{\partial x} dx + \frac{\partial f}{\partial y} dy + \frac{\partial f}{\partial z} dz .$$

**Gradiente** – Vimos que:  $d\mathbf{r} = dx\hat{x} + dy\hat{y} + dz\hat{z}$ . Observando a expressão para  $df$ , podemos escrever:

$$df = \frac{\partial f}{\partial x} dx + \frac{\partial f}{\partial y} dy + \frac{\partial f}{\partial z} dz = \left( \frac{\partial f}{\partial x} \hat{x} + \frac{\partial f}{\partial y} \hat{y} + \frac{\partial f}{\partial z} \hat{z} \right) \cdot (dx\hat{x} + dy\hat{y} + dz\hat{z})$$

O vetor  $\frac{\partial f}{\partial x} \hat{x} + \frac{\partial f}{\partial y} \hat{y} + \frac{\partial f}{\partial z} \hat{z}$  é chamado *gradiente* de  $f$  e é representado por  $\text{grad}f$  ou  $\nabla f$  ( $\nabla$  chama-se nãbla).

Podemos então escrever:  $df = \text{grad}f \cdot d\mathbf{r}$

Da definição de gradiente, é elementar demonstrar que:

- 1)  $\text{grad}(f+g) = \text{grad} f + \text{grad} g$
- 2)  $\text{grad}(mf) = m \text{grad} f$ , onde  $m$  é um escalar
- 3)  $\text{grad}(fg) = f \cdot \text{grad} g + g \cdot \text{grad} f$

**Exemplo 13** – Determine  $\nabla r$  e  $\nabla(1/r)$ .

$$r = \sqrt{x^2 + y^2 + z^2} \Rightarrow \frac{\partial r}{\partial x} = \frac{x}{\sqrt{x^2 + y^2 + z^2}}, \quad \frac{\partial r}{\partial y} = \frac{y}{\sqrt{x^2 + y^2 + z^2}} \quad \text{e} \quad \frac{\partial r}{\partial z} = \frac{z}{\sqrt{x^2 + y^2 + z^2}}$$

$$\text{ou seja : } \nabla r = \frac{1}{\sqrt{x^2 + y^2 + z^2}} (x\hat{x} + y\hat{y} + z\hat{z}) = \frac{\mathbf{r}}{r} = \hat{\mathbf{r}}$$

Chamando  $u = (1/r)$ , temos:

$$u = (x^2 + y^2 + z^2)^{-1/2} \Rightarrow \frac{\partial u}{\partial x} = -\frac{x}{(x^2 + y^2 + z^2)^{3/2}}, \quad \frac{\partial u}{\partial y} = -\frac{y}{(x^2 + y^2 + z^2)^{3/2}}, \quad \frac{\partial u}{\partial z} = -\frac{z}{(x^2 + y^2 + z^2)^{3/2}}$$

$$\text{ou seja: } \nabla u = \nabla(1/r) = -\frac{1}{(x^2 + y^2 + z^2)^{3/2}} (x\hat{x} + y\hat{y} + z\hat{z}) = -\frac{\mathbf{r}}{r^3} = -\frac{\mathbf{r}}{r \cdot r^2} = -\frac{\hat{\mathbf{r}}}{r^2}$$

**Significado do gradiente** – Pela definição de produto escalar, podemos também escrever:

$$df = \text{grad}f \cdot dr \cdot \cos\theta,$$

onde  $\theta$  é o ângulo entre  $dr$  e  $\text{grad}f$ . Dessa expressão, vemos que a máxima variação de  $f$  se dá quando  $\theta = 0$  ( $\cos\theta = 1$ ), ou seja, quando  $dr$  tem a direção de  $\text{grad}f$ . Em outras palavras,  $\text{grad}f$  tem a direção de maior variação de  $f$ .

**Exemplo 14** – A altura de uma montanha é dada em metros por:

$$h(x,y) = 50(2xy - 3x^2 - 4y^2 - 18x + 28y + 12)$$

onde  $x$ ,  $y$  e  $z$  são as distâncias em quilômetros de um ponto A.

- Determine o ponto mais alto da montanha.
- Qual a altura desse ponto?
- Qual a inclinação máxima da montanha, em m/km, num ponto situado a 1km ao norte e 1km a leste de A? Em qual direção a inclinação é máxima neste ponto?

a) No ponto mais alto a inclinação é zero, ou seja, em qualquer direção  $df = 0$ .

Portanto, 
$$\frac{\partial f}{\partial x} = 0 \Rightarrow 2y - 6x - 18 = 0$$

$$\frac{\partial f}{\partial y} = 0 \Rightarrow 2x - 8y + 28 = 0$$

Dessas duas equações tiramos:  $x = -2$  e  $y = 3 \Rightarrow$  O ponto mais alto fica a 2km a oeste e 3km ao norte de A.

b) Para saber a altura do ponto mais alto, basta substituir os valores encontrados para  $x$  e  $y$  na expressão da altura:  $h(-2,3) = 3600$  m

c) A inclinação máxima é dada pelo gradiente de  $h$ .

$$\text{grad}h = 50[(2y - 6x - 18) \hat{x} + (2x - 8y + 28) \hat{y}]$$

em  $x = 1$  km e  $y = 1$  km, temos :  $\text{grad}h = 50(-22 \hat{x} + 22 \hat{y})$

A inclinação será:  $|\text{grad}h| = 1,56 \times 10^3$  m/km a direção dessa inclinação é  $-\hat{x} + \hat{y}$  (a direção de  $\text{grad}h$ ), ou seja, noroeste.

**Linhas e superfícies de nível** – Linhas de nível são linhas determinadas por:  $f(x,y) = \text{constante}$

Superfícies de nível são superfícies determinadas por:  $f(x,y,z) = \text{constante}$

**Exemplo 15** - Quais são as superfícies de nível da função  $f(x,y,z) = x^2 + y^2 + z^2$  ?

$x^2 + y^2 + z^2 = C$  (constante) é a equação de uma esfera com centro na origem e raio  $\sqrt{C}$ . Portanto, as superfícies de nível para  $f(x,y,z) = x^2 + y^2 + z^2$  são esferas com centro na origem.

**Exemplo 16** – Mostre que o gradiente de uma função  $f(x,y,z)$  num ponto de uma superfície de nível é normal à superfície.

Como na superfície de nível  $f(x,y,z)$  é constante,  $df = 0$  qualquer que seja o  $dr$  contido na superfície.

Mas  $df = \text{grad}f \cdot dr$  que só será identicamente nulo se  $\text{grad}f$  for normal à qualquer  $dr$  contido na superfície, ou seja  $\text{grad}f$  tem que ser normal á própria superfície.

Esse resultado é muito importante. Observe o resultado do **Exemplo 13**. Nos dois casos, as superfícies de nível são esferas de centro na origem ( $f \text{ cte} \Leftrightarrow r \text{ cte}$ ). Nos dois casos o gradiente tem a direção de  $\mathbf{r}$ , como tinha que ser.

**Exemplo 17** - Mostre que se uma função  $f$  só depende de  $r$ , isto é,  $f = f(r)$ , então o gradiente tem a direção de  $\mathbf{r}$ .

De imediato podemos dizer que as superfícies de nível desse tipo de função são esferas centradas na origem, pois, para  $r$  constante,  $f(r)$  também será e vice-versa. As normais às esferas com centro na origem têm a direção de  $\mathbf{r}$ . As funções desse tipo têm o que se chama de simetria esférica. Podemos ir além e calcularmos o gradiente de funções com simetria esférica.

$$\text{grad } f(r) = \frac{\partial f}{\partial x} \hat{x} + \frac{\partial f}{\partial y} \hat{y} + \frac{\partial f}{\partial z} \hat{z} = \frac{\partial f}{\partial r} \frac{\partial r}{\partial x} \hat{x} + \frac{\partial f}{\partial r} \frac{\partial r}{\partial y} \hat{y} + \frac{\partial f}{\partial r} \frac{\partial r}{\partial z} \hat{z} = \frac{\partial f}{\partial r} \left( \frac{\partial r}{\partial x} \hat{x} + \frac{\partial r}{\partial y} \hat{y} + \frac{\partial r}{\partial z} \hat{z} \right)$$

$$\text{Mas (v. exemplo 13): } \frac{\partial r}{\partial x} = \frac{x}{\sqrt{x^2 + y^2 + z^2}} = \frac{x}{r}, \quad \frac{\partial r}{\partial y} = \frac{y}{\sqrt{x^2 + y^2 + z^2}} = \frac{y}{r} \quad \text{e} \quad \frac{\partial r}{\partial z} = \frac{z}{\sqrt{x^2 + y^2 + z^2}} = \frac{z}{r}$$

$$\text{Assim, } \text{grad } f(r) = \frac{\partial f}{\partial r} \frac{1}{r} (x \hat{x} + y \hat{y} + z \hat{z}) = \frac{\partial f}{\partial r} \frac{\mathbf{r}}{r}$$

$$\text{Portanto, } \text{grad } f(r) = \frac{\partial f}{\partial r} \hat{\mathbf{r}}$$

Note que o uso dessa expressão simplifica o cálculo do gradiente de funções com simetria esférica. Refaça, por exemplo, o exemplo 13 usando essa expressão para o gradiente.

**Fluxo de campo vetorial através de uma superfície** – Campos vetoriais são usualmente representados por linhas de força. Linhas de força são linhas que dão a direção, o sentido e, qualitativamente, a intensidade do campo. Para isso, ao longo de uma linha de força o campo é sempre tangente a ela. A intensidade, por seu lado, é representada pela densidade de linhas, isto é, o número de linhas que por unidade de área. A figura 11 mostra alguns exemplos.

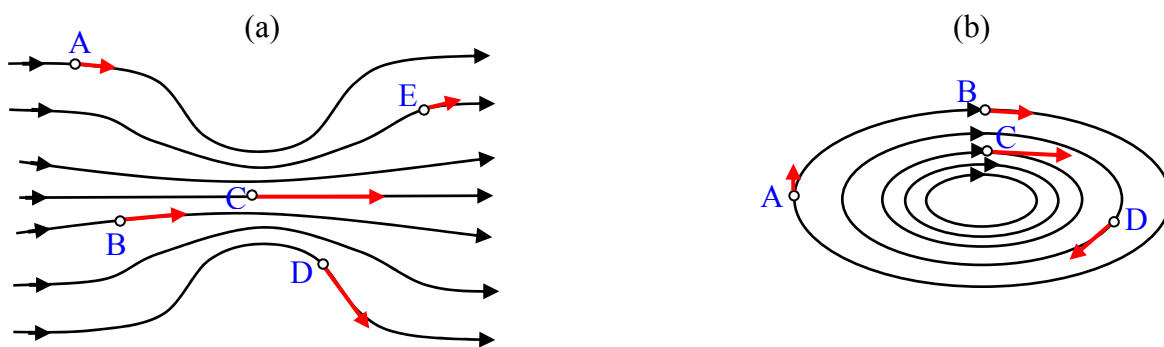


Figura 11 – (a) Linhas de força e os campos nos pontos A, B, C, D e E. Dentre os campos representados, o campo é mais intenso em C, onde a densidade de linhas é maior. Pela razão inversa, os campos em A e E têm menor intensidade.

(b) Linhas de força e os campos nos pontos A, B, C e D. Dentre os campos representados, o campo é mais intenso em C, onde a densidade de linhas é maior. Pela razão inversa, o campo em A é o de menor intensidade.



Deve ser ressaltado que o número de linhas usadas para representar um campo vetorial é arbitrário, mas uma vez escolhido esse número (de forma a dar uma idéia clara de como é o campo), é obrigatório seguir as regras já mencionadas.

Por definição, o fluxo de um campo vetorial  $\mathbf{F}$  através de um elemento de área  $dA$  é :

$$d\phi = \mathbf{F} \cdot \hat{n} dA$$

onde  $\hat{n}$  é um unitário normal ao elemento de área. É também usual a notação  $d\phi = \mathbf{F} \cdot d\mathbf{A}$  onde  $d\mathbf{A} = \hat{n} dA$ .

As propriedades das linhas de força nos permitem dar uma interpretação mais palpável do conceito de fluxo. Considerando que a intensidade de campo é proporcional à densidade de linhas de força, podemos escrever:

$$d\phi \sim \frac{dN}{dA} \cos\theta \cdot dA = dN \cdot \cos\theta ,$$

onde  $\theta$  é o ângulo entre o campo (ou linha de força) e a normal a  $dA$ . Assim, podemos dizer que o fluxo é proporcional ao número de linhas de forças que atravessam a superfície. O fluxo será *zero* se as linhas de força forem paralelas à superfície, pois, nesse caso, elas não atravessam a superfície. O número de linhas que atravessam uma superfície será máximo quando a superfície for perpendicular às linhas. A figura 12 ilustra o que foi explicado acima.

Figura

12

-

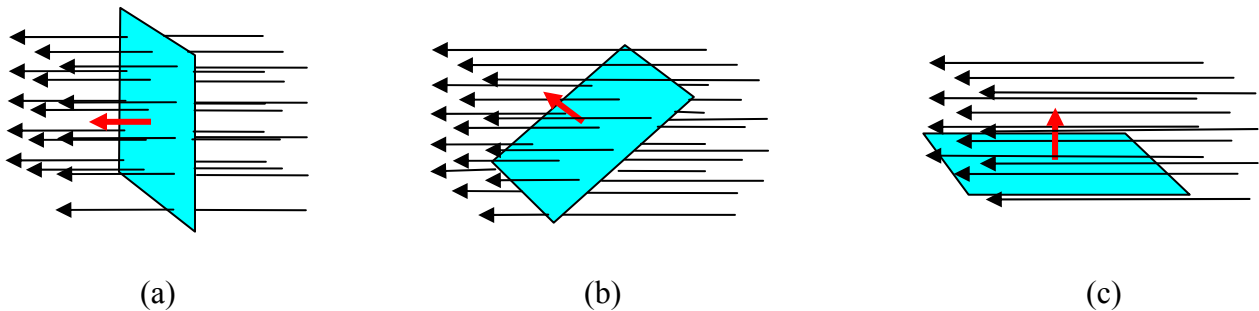


Figura 12 – No caso (a) a superfície é normal às linhas de força. A normal (em vermelho) é paralela ao campo e, portanto,  $\theta = 0$  ( $\cos\theta = 1$ ) e o número de linhas de força que atravessam a superfície é máximo. No caso (b), a normal faz um ângulo  $\theta$  com a normal. O número de linhas de força que atravessam a superfície diminuiu em relação ao caso (a). No caso (c), a superfície é paralela às linhas de força e, portanto,  $\theta = 90^\circ$  ( $\cos\theta = 0$ ). Nenhuma linha de força atravessa a superfície nesse caso e, conseqüentemente, o fluxo através dela é zero.

Quando se tem uma superfície fechada, convencionalmente orienta-se a normal para fora do volume limitado por ela. Sendo assim, linhas de força que entram na superfície têm fluxo negativo ( $\theta > 90^\circ$ ) e para as linha que saem da superfície o fluxo é positivo. Não havendo nenhuma fonte nem sumidouro de linhas dentro da superfície fechada, as linha que entram têm que sair e, portanto, o fluxo total através de toda a superfície é zero.

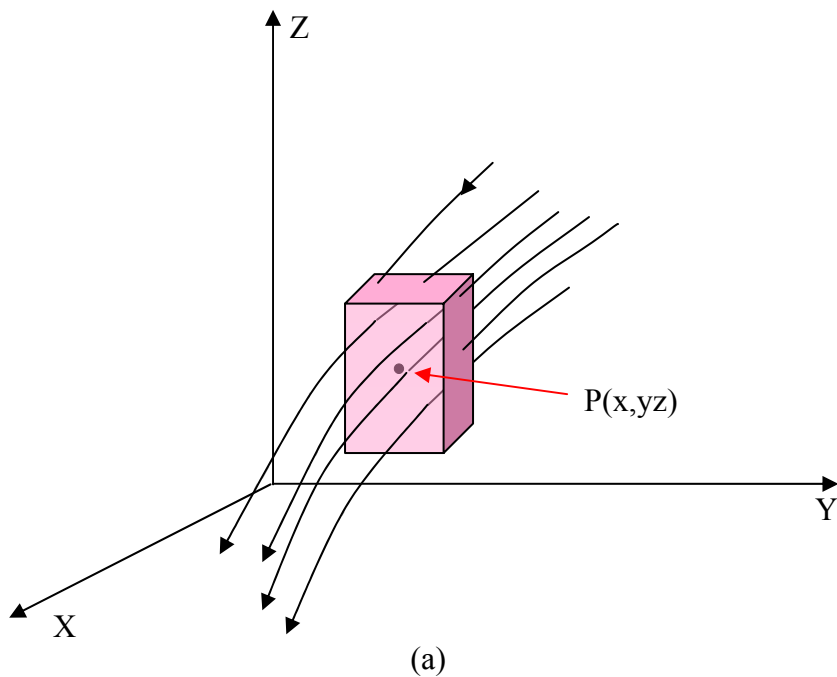
**Divergência** - Numa região onde o campo vetorial é  $\mathbf{F}$ , considere um ponto  $P(x,y,z)$  em torno do qual existe uma superfície de área  $A$  limitando um volume  $V$ . Por definição:

$$\operatorname{div}\mathbf{F} = \lim_{V \rightarrow 0} \frac{1}{V} \oint \mathbf{F} \cdot d\mathbf{A} = \lim_{V \rightarrow 0} \frac{\phi_T}{V}$$

Onde  $\phi_T$  é o fluxo total através da superfície  $A$ . Portanto, a divergência num ponto significa o fluxo por unidade de volume através de uma superfície infinitesimal em torno do ponto. De imediato podemos tirar duas consequências dessa definição:

- 1) A divergência é um escalar.
- 2) Se não há fonte de linhas de força (campo), a divergência é zero.

Vamos procurar uma expressão algébrica para o cálculo da divergência. Para isso consideremos um ponto  $P$  de coordenadas  $(x,y,z)$  no centro de um paralelepípedo com arestas de comprimentos  $\Delta x$ ,  $\Delta y$  e  $\Delta z$  paralelas aos eixos  $X, Y$  e  $Z$  respectivamente, conforme a figura 13.



*Figura 13 - (a) Um ponto  $P$  de coordenadas  $(x,y,z)$  no centro de um paralelepípedo e numa região onde existe um campo vetorial representado por suas linhas de força. Note que nem todas as linhas atravessam o paralelepípedo.*

Vamos calcular o fluxo total através desse paralelepípedo lembrando que o fluxo é positivo quando as linhas saem do paralelepípedo e negativo quando entram. Lembremos também que o campo  $\mathbf{F}$  pode ser decomposto em  $F_x$ ,  $F_y$  e  $F_z$  e que, para pequenos valores de  $\Delta u$ , uma função  $f(u+\Delta u) = f(u) + \frac{\partial f}{\partial u} \Delta u$  (basicamente, essa expressão são os dois primeiros termos do desenvolvimento em série de Taylor de  $f(u)$ ).

Primeiramente, calculemos o fluxo "líquido" pelas faces perpendiculares ao eixo  $x$ . A figura 14 é uma ampliação do paralelepípedo mostrado na figura 13 sem as linhas de força para maior clareza.

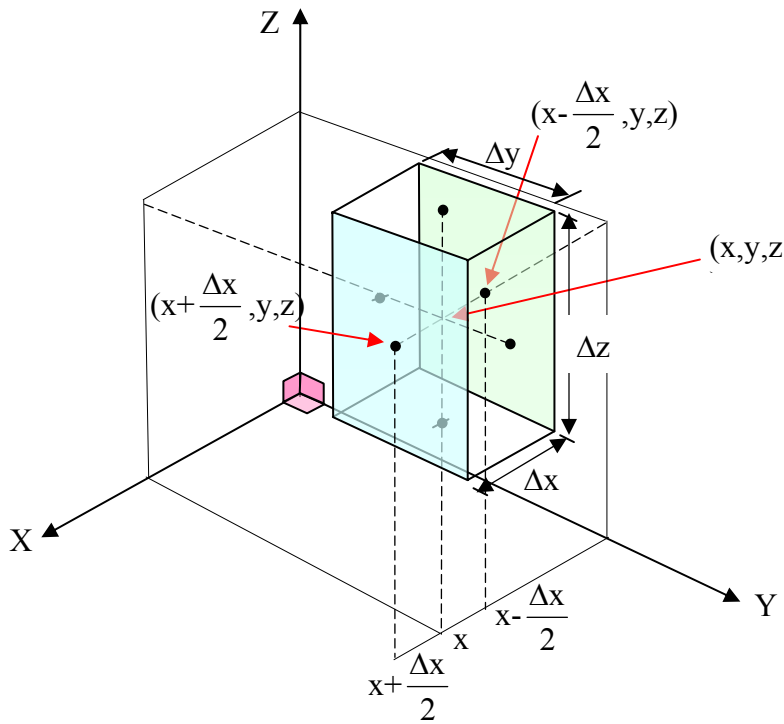


Figura 14 - Na figura, o ponto P, de coordenadas  $(x, y, z)$  está no centro do paralelepípedo. Os centros das faces perpendiculares ao eixo X têm coordenadas:

$$\left(x + \frac{\Delta x}{2}, y, z\right) \text{ e } \left(x - \frac{\Delta x}{2}, y, z\right)$$

Em  $(x, y, z)$  o campo paralelo ao eixo X é  $F_x(x, y, z)$ . Em  $x + \Delta x/2$  e em  $x - \Delta x/2$  os campos serão:

$$F\left(x + \frac{\Delta x}{2}, y, z\right) = F_x(x, y, z) + \frac{\partial F_x(x, y, z)}{\partial x} \frac{\Delta x}{2} \quad \text{e} \quad F\left(x - \frac{\Delta x}{2}, y, z\right) = F_x(x, y, z) - \frac{\partial F_x(x, y, z)}{\partial x} \frac{\Delta x}{2}$$

O fluxo através das faces que contêm os  $x + \Delta x/2$  e  $x - \Delta x/2$  será o produto da componente  $F_x$  do campo no centro da face pela área da face, ou seja  $\Delta y \Delta z$ . Na verdade isto é uma aproximação devido ao fato das faces serem infinitesimais. devemos levar em conta também que as linhas entram na face em  $x - \Delta x/2$  e sae pela face em  $x + \Delta x/2$ . Portanto temos:

$$\phi_{x+\Delta x/2} = \left(F_x(x, y, z) + \frac{\partial F_x(x, y, z)}{\partial x} \frac{\Delta x}{2}\right) \Delta y \Delta z \quad \text{e} \quad \phi_{x-\Delta x/2} = - \left(F_x(x, y, z) - \frac{\partial F_x(x, y, z)}{\partial x} \frac{\Delta x}{2}\right) \Delta y \Delta z$$

O fluxo total através das faces perpendiculares ao eixo X será:  $\phi_{Tx} = \phi_{x+\Delta x/2} + \phi_{x-\Delta x/2}$ , ou seja:

$$\phi_{Tx} = \frac{\partial F_x(x, y, z)}{\partial x} \Delta x \Delta y \Delta z$$

Por analogia, podemos afirmar que:  $\phi_{Ty} = \frac{\partial F_y(x, y, z)}{\partial y} \Delta x \Delta y \Delta z$  e  $\phi_{Tz} = \frac{\partial F_z(x, y, z)}{\partial z} \Delta x \Delta y \Delta z$

$$e : \phi_T = \left( \frac{\partial F_x(x, y, z)}{\partial x} + \frac{\partial F_y(x, y, z)}{\partial y} + \frac{\partial F_z(x, y, z)}{\partial z} \right) \Delta x \Delta y \Delta z$$

Pela definição, a divergência será:

$$\operatorname{div} \mathbf{F} = \lim_{V \rightarrow 0} \frac{\phi_T}{V} = \lim_{\Delta x, \Delta y, \Delta z \rightarrow 0} \frac{1}{\Delta x \Delta y \Delta z} \left( \frac{\partial F_x(x, y, z)}{\partial x} + \frac{\partial F_y(x, y, z)}{\partial y} + \frac{\partial F_z(x, y, z)}{\partial z} \right) \Delta x \Delta y \Delta z$$

$$\text{Finalmente: } \operatorname{div} \mathbf{F} = \frac{\partial F_x(x, y, z)}{\partial x} + \frac{\partial F_y(x, y, z)}{\partial y} + \frac{\partial F_z(x, y, z)}{\partial z}$$

De fato, como esperado a divergência é uma grandeza escalar.

De uma forma simplificada, escreveremos apenas  $F_x$  ao invés de  $F_x(x, y, z)$ . O mesmo para as outras componentes.

Usando as propriedades do produto escalar, vemos que a divergência pode ser escrita:

$$\operatorname{div} \mathbf{F} = \left( \frac{\partial}{\partial x} \hat{x} + \frac{\partial}{\partial y} \hat{y} + \frac{\partial}{\partial z} \hat{z} \right) \cdot (F_x \hat{x} + F_y \hat{y} + F_z \hat{z})$$

Vamos então definir o operador *nabla* como:  $\nabla = \frac{\partial}{\partial x} \hat{x} + \frac{\partial}{\partial y} \hat{y} + \frac{\partial}{\partial z} \hat{z}$

Com essa definição, temos:

$\operatorname{grad} f = \nabla f$  O gradiente transforma escalar em vetor.

$\operatorname{div} \mathbf{F} = \nabla \cdot \mathbf{F}$  A divergência transforma vetor em escalar

$$\operatorname{div} \cdot \operatorname{grad} f = \nabla^2 f = \frac{\partial^2 f}{\partial x^2} + \frac{\partial^2 f}{\partial y^2} + \frac{\partial^2 f}{\partial z^2}$$

Esta última expressão ( $\operatorname{div} \cdot \operatorname{grad}$ ) é chamada *Laplaciano* de  $f$  e é uma função escalar.

É elementar demonstrar que:

- 1)  $\operatorname{div}(\mathbf{F} + \mathbf{G}) = \operatorname{div} \mathbf{F} + \operatorname{div} \mathbf{G}$
- 2)  $\operatorname{div}(m\mathbf{F}) = m \operatorname{div} \mathbf{F}$ ,  $m$  sendo um escalar.
- 3)  $\operatorname{div} \mathbf{r} = 3$

**Exemplo 18** – Calcule  $\operatorname{div}(\mathbf{r}/r^3)$ .

$$\mathbf{r}/r^3 = (x \hat{x} + y \hat{y} + z \hat{z}) / (x^2 + y^2 + z^2)^{3/2}$$

$$\operatorname{div}(\mathbf{r}/r^3) = \frac{1}{x^2 + y^2 + z^2} \cdot [(y^2 + z^2 - 2x^2) + (x^2 + z^2 - 2y^2) + (x^2 + y^2 - 2z^2)] = 0 \text{ exceto em } (0,0,0)$$

**Exemplo 19** – Mostre que  $\operatorname{div}(\mathbf{u}f) = \mathbf{u} \cdot \operatorname{grad} f$  onde  $\mathbf{u}$  é um vetor constante e  $f$  uma função.

$$\operatorname{div}(\mathbf{u}f) = u_x \frac{\partial f}{\partial x} + u_y \frac{\partial f}{\partial y} + u_z \frac{\partial f}{\partial z} = \mathbf{u} \cdot \operatorname{grad} f$$

**Rotacional** – Seja  $\mathbf{F}$  um campo vetorial e  $C$  uma linha fechada limitando uma superfície  $A$  que contém um ponto  $P$ . Define-se rotacional de  $\mathbf{F}$  em  $P$  como:

$$\hat{n} \cdot \text{rot} \mathbf{F} = \lim_{\Delta A \rightarrow 0} \frac{1}{\Delta A} \oint \mathbf{F} \cdot d\boldsymbol{\ell}$$

onde  $d\boldsymbol{\ell}$  é um elemento infinitesimal de deslocamento orientado sobre a linha  $C$  e  $\hat{n}$  é o unitário normal à  $A$  e orientado de acordo com a regra da mão direita, conforme mostra a figura 15. Pela própria definição, vemos que o rotacional é uma grandeza vetorial que dá a densidade de circulação, que é como é chamada a integral acima, em torno do ponto.

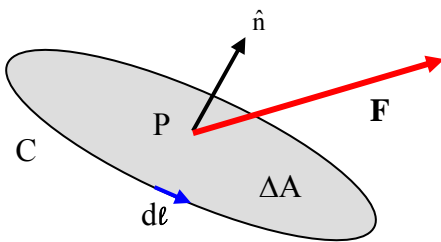


Figura 15 - A linha orientada  $C$  que limita a área  $\Delta A$ . A direção e o sentido de  $\hat{n}$  é dado pela regra da mão direita. Se o deslocamento  $d\boldsymbol{\ell}$  sobre da linha  $C$  fosse oposto, a normal também teria sentido oposto.

Para encontrarmos uma expressão para  $\text{rot} \mathbf{F}$ , utilizaremos o mesmo procedimento que foi usado na divergência, só que agora utilizaremos uma linha retangular fechada e paralela ao plano  $xy$ , conforme mostra a figura 16. O sentido da integração será escolhido para que a normal seja  $\hat{z}$ . Portanto estaremos calculando a componente  $z$  do rotacional.

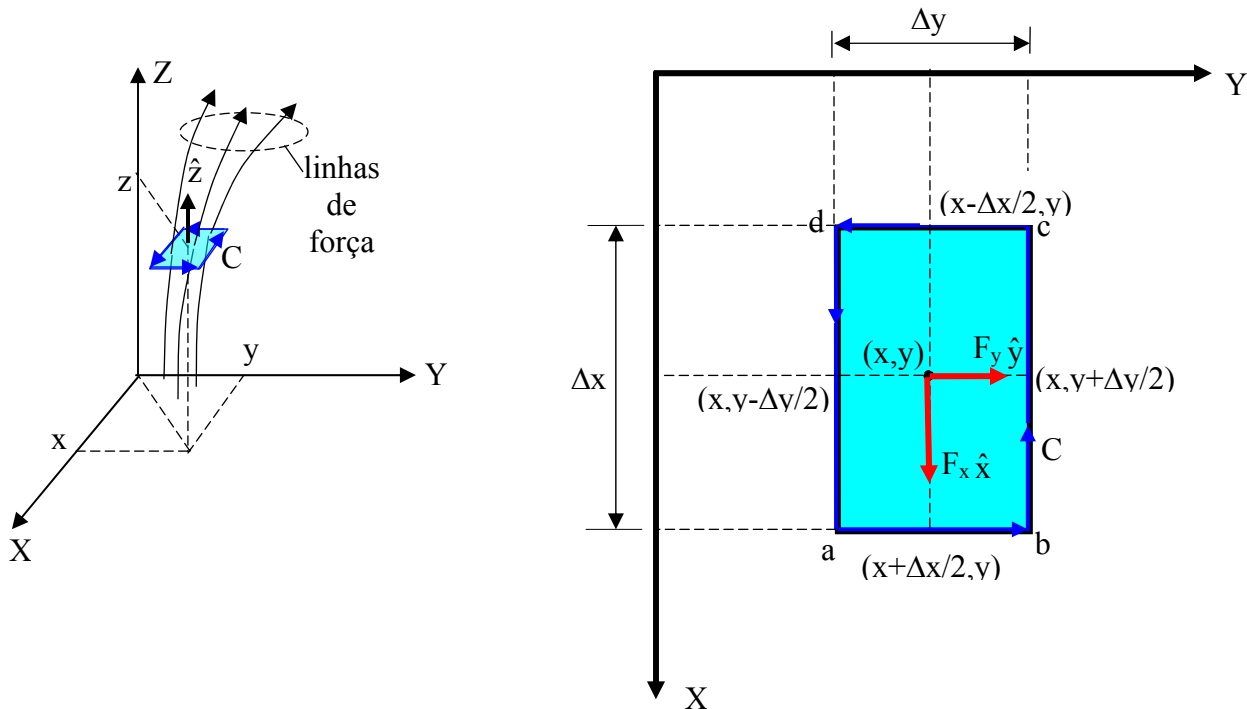


Figura 16 – (a) Para determinar a expressão da componente  $z$  do rotacional em  $(x, y)$ , utilizamos um retângulo fechado que contém o ponto  $(x, y)$ . (b) Para maior clareza, o retângulo foi ampliado.

Vamos considerar o que em cada lado a componente de  $\mathbf{F}$  paralela a ele seja constante e igual ao valor no seu ponto médio. Assim, a integral pode ser substituída pelo produto de  $\mathbf{F}$  pelo tamanho do lado ( $\Delta x$  ou  $\Delta y$ ). Claro que  $F_z$  não entra nesse cálculo, pois esta componente é perpendicular á linha. Então temos:

$$\text{lado ab: } C_1 = F_y(x+\Delta x/2,y)\Delta y = (F_y(x,y) + \frac{\Delta x}{2} \frac{\partial F_y}{\partial x})\Delta y$$

$$\text{lado bc: } C_2 = - F_x(x,y+\Delta y/2)\Delta x = - (F_x(x,y) + \frac{\Delta y}{2} \frac{\partial F_x}{\partial y})\Delta x$$

$$\text{lado cd: } C_3 = - F_y(x-\Delta x/2,y)\Delta y = - (F_y(x,y) - \frac{\Delta x}{2} \frac{\partial F_y}{\partial x})\Delta y$$

$$\text{lado da: } C_4 = F_x(x,y-\Delta y/2)\Delta x = (F_x(x,y) - \frac{\Delta y}{2} \frac{\partial F_x}{\partial y})\Delta x$$

A circulação em abcd será então:

$$C = (F_y(x,y) + \frac{\Delta x}{2} \frac{\partial F_y}{\partial x})\Delta y - (F_x(x,y) + \frac{\Delta y}{2} \frac{\partial F_x}{\partial y})\Delta x - (F_y(x,y) - \frac{\Delta x}{2} \frac{\partial F_y}{\partial x})\Delta y + (F_x(x,y) - \frac{\Delta y}{2} \frac{\partial F_x}{\partial y})\Delta x$$

$$C = (\frac{\partial F_y}{\partial x} - \frac{\partial F_x}{\partial y})\Delta x \Delta y = (\frac{\partial F_y}{\partial x} - \frac{\partial F_x}{\partial y})\Delta A$$

$$\text{Assim: } \hat{z} \cdot \text{rot } \mathbf{F} = (\text{rot } \mathbf{F})_z = \lim_{\Delta A \rightarrow 0} \frac{1}{\Delta A} \oint_C \mathbf{F} \cdot d\boldsymbol{\ell} = (\frac{\partial F_y}{\partial x} - \frac{\partial F_x}{\partial y})$$

Observe que a soma entre parêntesis envolve derivadas cruzadas ( $F_y$  em relação a  $x$  e  $F_x$  em relação a  $y$ ).

Seguindo o mesmo procedimento para as outras componentes encontraríamos:

$$(\text{rot } \mathbf{F})_x = (\frac{\partial F_z}{\partial y} - \frac{\partial F_y}{\partial z})$$

$$(\text{rot } \mathbf{F})_y = (\frac{\partial F_x}{\partial z} - \frac{\partial F_z}{\partial x})$$

Essas expressões nos permitem escrever:

$$\text{rot } \mathbf{F} = \begin{vmatrix} \hat{x} & \hat{y} & \hat{z} \\ \frac{\partial}{\partial x} & \frac{\partial}{\partial y} & \frac{\partial}{\partial z} \\ F_x & F_y & F_z \end{vmatrix}$$

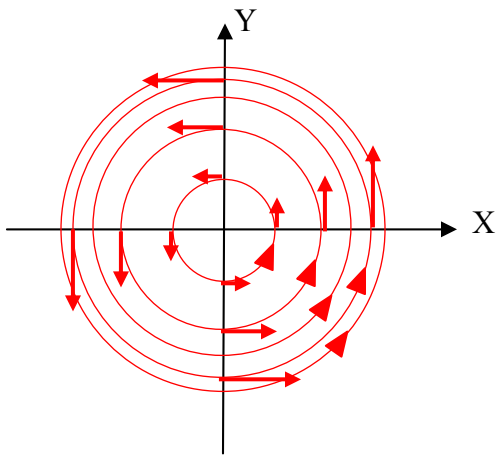
$$\text{ou: } \text{rot } \mathbf{F} = \nabla \times \mathbf{F}$$

**Exemplo 20** - Calcule o rotacional de  $\mathbf{r}$ .

$$\text{rot } \mathbf{r} = \begin{vmatrix} \hat{x} & \hat{y} & \hat{z} \\ \frac{\partial}{\partial x} & \frac{\partial}{\partial y} & \frac{\partial}{\partial z} \\ x & y & z \end{vmatrix} = 0$$

**Exemplo 21** – Considere um campo vetorial dado por  $\mathbf{v} = -y \hat{x} + x \hat{y}$ . Desenhe algumas linhas de força e calcule  $\text{rot } \mathbf{v}$  em  $(0,0,0)$ .

Desenhando os vetores campo em  $y = 0$ , e  $x = \pm 1, \pm 2, \pm 3$  e em  $x = 0$  e  $y = \pm 1, \pm 2, \pm 3$ , podemos traçar as linhas de força. Já podemos ver que o rotacional não será nulo.



$$\text{rot } \mathbf{v} = \begin{vmatrix} \hat{x} & \hat{y} & \hat{z} \\ \frac{\partial}{\partial x} & \frac{\partial}{\partial y} & \frac{\partial}{\partial z} \\ -y & x & 0 \end{vmatrix} = 2 \hat{z}$$

**Algumas relações importantíssimas** – Algumas relações usando o operador nabla têm grande utilidade em eletromagnetismo. As três relações a seguir são das mais úteis e o aluno deve demonstrá-las pelo, menos uma vez na vida (talvez numa prova!).

1)  $\nabla \times \nabla f = 0$  onde  $f$  é uma função escalar. Esta relação diz que se uma função (campo) vetorial puder ser escrita como um gradiente de uma função escalar, então seu rotacional é nulo. Dizemos que é uma função *irrotacional*. Reciprocamente, se uma função (campo) vetorial for irrotacional, ela pode ser escrita como gradiente de uma função escalar.

2)  $\nabla \cdot \nabla \times \mathbf{F} = 0$  onde  $\mathbf{F}$  é uma função vetorial. Esta relação diz que se uma função (campo) vetorial puder ser escrita como um rotacional e de uma função vetorial, então sua divergência é nula. Dizemos que é uma função *solenoidal*. Reciprocamente, se uma função (campo) vetorial for solenoidal, ela pode ser escrita como gradiente de uma função escalar.

$$3) \nabla \times (\nabla \times \mathbf{F}) = \nabla(\nabla \cdot \mathbf{F}) - \nabla^2 \mathbf{F}$$

Nesta última relação o conceito de laplaciano foi estendido para vetores. Assim,  $\nabla^2 \mathbf{F}$  é um vetor cujas componentes são os laplacianos das respectivas componentes de  $\mathbf{F}$ .

**Teorema da divergência** - O teorema da divergência relaciona fluxo e divergência num volume.

$$\int_V \operatorname{div} \mathbf{F} \, dv = \oint_A \mathbf{F} \cdot \hat{n} \, dA$$

Onde A é a área da superfície que delimita o volume V

A demonstração deste teorema não é difícil e pode ser feita pelo aluno. A idéia é que quando se divide um volume em dois, o fluxo no volume primitivo é igual à soma dos fluxos nos dois volumes. Isso ocorre porque ao dividir o sólido com uma parede, se para uma das partes o fluxo é positivo (linhas saindo através dessa parede) para a outra é necessariamente positivo (as linhas que saem de uma parte estarão necessariamente entrando na outra). Quando se soma os fluxos, na parede divisória eles se anulam e, portanto, o fluxo total é o fluxo através do sólido antes da divisão. Isto vale também quando o sólido é dividido em N sólidos infinitesimais.

**Exemplo 22** – Mostre que  $\oint_A f \hat{n} \, dA = \int_V \nabla f \, dV$

Multiplicando por um vetor constante  $\mathbf{u}$  o lado esquerdo da equação, temos:

$$\oint_A (\mathbf{u}f) \cdot \hat{n} \, dA = \int_V \nabla \cdot (\mathbf{u}f) \, dV \quad \text{pelo teorema da divergência}$$

No exemplo 19, mostramos que :  $\nabla \cdot (\mathbf{u}f) = \mathbf{u} \cdot \nabla f$  , logo a igualdade acima fica:

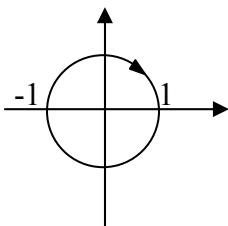
$$\oint_A (\mathbf{u}f) \cdot \hat{n} \, dA = \int_V \mathbf{u} \cdot \nabla f \, dV \quad \Rightarrow \quad \oint_A f \hat{n} \, dA = \int_V \nabla f \, dV$$

**Teorema de Stokes** – O teorema de Stokes relaciona o fluxo do rotacional de uma função vetorial  $\mathbf{F}$  através de uma superfície e a circulação de  $\mathbf{F}$  sobre a linha que delimita essa superfície

$$\int_A \operatorname{rot} \mathbf{F} \cdot \hat{n} \, dA = \oint_C \mathbf{F} \cdot d\boldsymbol{\ell}$$

A demonstração deste teorema segue o mesmo raciocínio que o usado na demonstração do teorema da divergência. Evidentemente que onde era superfície lá, será linha aqui. O (bom) aluno deve tentar fazer essa demonstração.

**Exemplo 23** - Calcule o trabalho de uma força  $\mathbf{F} = -y \hat{x} + x \hat{y}$  (x e y em metros e  $\mathbf{F}$  em Newtons) para deslocar, no sentido horário, uma massa numa trajetória circular de equação  $x^2 + y^2 = 1$ .



Vamos resolver esse problema por integração direta e com o uso do teorema de Stokes.

a) Por integração direta:

O trabalho da força  $\mathbf{F}$  sobre o círculo é dado por:  $W = \oint_C \mathbf{F} \cdot d\boldsymbol{\ell}$



onde  $d\ell = \hat{x} dx + \hat{y} dy$

$$\text{Então: } F \cdot d\ell = -ydx + xdy \quad (1)$$

$$\text{Da equação do círculo: } xdx + ydy = 0 \quad (2)$$

$$\text{e } y = \sqrt{1-x^2} \quad (3)$$

Substituindo y

$$\text{de (2) e (3) ,vem: } dy = -\frac{x}{\sqrt{1-x^2}} dx \quad (4)$$

$$\text{Substituindo (3) e (4) em (1): } F \cdot d\ell = \left(-\sqrt{1-x^2} - \frac{x^2}{\sqrt{1-x^2}}\right) dx = \frac{-dx}{\sqrt{1-x^2}}$$

$$\text{Assim ; } W = \oint \mathbf{F} \cdot d\ell = 4 \cdot \int_0^1 \frac{-dx}{\sqrt{1-x^2}} = -4 \cdot [\arcsen x]_0^1 = -2\pi$$

b) Com o uso do teorema de Stokes:

$$\text{Pelo teorema de Stokes: } W = \oint \mathbf{F} \cdot d\ell = \int \text{rot}\mathbf{F} \cdot \hat{n} dA$$

A normal ao plano do círculo, levando em conta a regra da mão direita, é:  $\hat{n} \equiv -\hat{z}$

O rotacional de  $\mathbf{F}$  foi calculado no exemplo 21.  $\text{rot}\mathbf{F} = 2\hat{z}$

$$\text{Então: } \int \text{rot}\mathbf{F} \cdot \hat{n} dA = \int 2\hat{z} \cdot (-\hat{z}) dA = -2 \int dA = -2\pi$$

Escolha então qual a maneira mais simples quando encontrar um desses problemas